



DISSOLVER FRONTEIRAS: APROXIMAÇÕES DA GEOGRAFIA COM A ARTE E SUAS REVERBERAÇÕES NA EDUCAÇÃO

Pablo Sebastian Moreira Fernandez
pablosmfernandez@gmail.com¹

Resumo

Este texto resulta de um exercício epistemológico e educativo que articula Geografia, Artes e Educação, e funda um conjunto de práticas e narrativas educativas enquanto horizonte possível para “dissolver fronteiras”. Nesta proposta que se constrói no interior de um projeto de pesquisa intitulado Geopoéticas e Educação, que busca investigar a relação da Educação com a Geografia em suas abordagens Fenomenológica e Cultural. Nesta proposta considera-se o papel das experiências na perspectiva da “geograficidade” e das narrativas geográficas inscritas em linguagens como: a cartografia, a fotografia, o cinema, a poesia, a literatura, a performance e a videoarte. Assim, as experiências e narrativas são tomadas como modos de dar sentido ao espaço e suas reverberações epistemológicas, políticas e educativas. Tal articulação e consolidação de uma perspectiva experimental no Ensino de Geografia ocorre através do reconhecimento e do encontro com a multiplicidade de identidades e sujeitos que habitam os espaços escolares e não-escolares com suas espacialidades e “geografias menores” (OLIVEIRA JR., 2010). Dentro desta pesquisa, têm-se proposto um conjunto de experimentações geopoéticas de modo a materializar a articulação entre experiência e linguagem geográfica, sendo que até o momento, ocorreram dois exercícios. O primeiro momento se dá com a leitura da obra performática “Notícias de América” do artista Paulo Nazareth e seu trajeto “a pé” do Brasil até os E.U.A. (apresentada a partir de registros fotográficos e videográficos). E o segundo, que se constitui a partir de uma residência artística-educativa realizada com jovens moradores do entorno de uma área de mineração no interior do estado de Minas Gerais. Pode-se dizer que estas experiências fundam uma perspectiva “geopoética” que colabora com o processo de “Dissolver Fronteiras”. Tais experiências que se constituem a partir da problematização das dinâmicas e experiências de fluxo e cerceamento produzem “imagens (de) migrantes”, que atuam na conexão entre lugares e originam processos educativos no campo da Geografia em interseção com as Artes.

Palavras-chave: Metodologia de Ensino e de Pesquisa, Experiência, Geopoética.

A Geografia se aproxima da experiência, e reverbera na sua Educação

¹ Departamento de Práticas Educativas e Currículo/Centro de Educação, Mestrado Profissional em Geografia (GEOPROF), UFRN. Projeto de Pesquisa.

O presente texto busca estabelecer uma conexão entre a Geografia e as Artes, a partir de um campo de experimentação educativo e poético inspirado na *performance art* como possibilidade de reconhecimento do espaço geográfico. Neste caminho busca-se aprofundar estudos no campo da Geografia no que diz da valorização dos sujeitos e das experiências geográficas, ideias que se aproximam do conceito de geograficidade elaborada pelo geógrafo Eric Dardel, entendida como “uma relação concreta que liga o homem à Terra” (DARDEL, 2011, p.2). Neste caminho, a experiência permite no campo da Geografia, refletir e pensar sobre os modos em que a ação humana (em sua materialidade e imaterialidade) produz, reproduz e dá sentido ao espaço geográfico (LOWENTHAL, 1982).

Ainda sobre a experiência no campo da Geografia, o geógrafo Yi-Fu Tuan constrói uma noção fundamental a partir do conceito de lugar, pois abrange as diversas maneiras através das quais um sujeito conhece e constrói a realidade. Desta forma, experienciar “é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele [...]. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um *constructo* da experiência, uma criação de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p.9-11). Esta noção nos faz refletir sobre a relação entre realidade espacial, os processos educativos e a construção de conhecimentos, e ainda nos permite seu aprofundamento a partir da distinção proposta pelo filósofo Walter Benjamin entre experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*), que é ampliada por Jorge Larrosa. Para o autor, o sujeito aberto à experiência é como uma “superfície sensível”, onde o acontecimento produz múltiplos afetos, inscrevendo marcas, imprimindo vestígios e efeitos no corpo e na alma. Tal sujeito “[...] é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas, como um lugar que recebe o que chega e que, ao receber, lhe dá lugar” (LARROSA, 2001, p.6). Esta postura do sujeito “aberto” ao mundo torna-se um ponto de partida nesta concepção de espaço, que de algum modo reverbera na Educação, indicando um entendimento da aula enquanto processo e experimentação, do conhecimento que ultrapassa a informação e da Geografia enquanto possibilidade de encantamento e imaginação espacial.

Deste conjunto de indicações de um Ensino de Geografia “experiencial”, torna-se significativa a influência dos estudos Humanistas, Fenomenológicos e/ou Culturais, visto o seu interesse pelas linguagens e outros produtos culturais que atuam na “atual partilha do sensível, realizada também nas narrativas em imagens acerca do mundo no qual vivemos” (OLIVEIRA JR., 2009, p.18). Essa inclinação evidencia o contato e o diálogo da Geografia com as Artes,



com as imagens (técnicas, imaginativas) e outros produtos imagéticos como o cinema, o vídeo e a fotografia. Considerando que estas “grafias do espaço” podem “ser tomadas tanto como parte das práticas discursivas – signos de uma linguagem -, quanto como objetos do mundo – obras da/cultura” como (IDEM, p.17-18), que também podem ser definidas enquanto “geográficos” (SEEMANN, 2009, p. 47).

Um segundo motivador da reflexão é a busca por compreender como se constituem e são utilizadas estas “grafias” na escola e/ou na universidade, nas práticas pedagógicas e/ou na pesquisa no campo do Ensino de Geografia. Diante destas, busca-se reconhecer quais são suas potências educativas: do cinema, do vídeo, da fotografia, das Artes, de cartografias colaborativas e escolares, das mídias e da internet, considerando que estas linguagens participam da construção de uma epistemologia no campo da Geografia e participam da construção de uma educação geográfica atual, entendendo-as, “como potencialmente fundadoras de outras geografias e percursos curriculares” (CAZETTA et al, 2013, p. 13).

Isto posto, pode-se inferir, é que tais linguagens que emergem de realidades educativas tão complexas tem nos indicado e orientado às pesquisas desenvolvidas, tanto na delimitação dos objetos ou temas de pesquisa, na consolidação de um campo de interesse ou consolidação de um caminho teórico e epistemológico que retorna à experiência geográfica. Além da pesquisa, tem-se concebido projetos de intervenção, produtos e sequências pedagógicas, planejamentos e aulas, articulado no interior de contextos pedagógicos e formativos como os Estágios Supervisionados, as Didáticas, Metodologias e Práticas no interior da Geografia. Ambos percursos tem ocorrido em espaços formativos e educativos formais e não-formais, entendendo que estes lugares abrigam uma infinidade de experiências singulares e de grande potência no âmbito da produção e circulação de conhecimento.

A Geografia em diálogo com as Artes: as imagens como conexão fenomenológica

Deste campo de pesquisa a ser construído no âmbito do Ensino da Geografia, emerge uma “geopoética” que se constitui a partir da geograficidade associada à escrita e a produção de narrativas (de pesquisadores, de professores, de alunos) que versam sobre experiências a partir de espaços, lugares e paisagens educativas. Tal perspectiva funda-se na premissa

ontológica e nos estudos sobre a imagem poética em processos criativos, educativos e imaginativos, inspirados numa “fenomenologia da imaginação” (BACHELARD, 2003), que considera as linguagens (imagéticas, poéticas) como expressões (oral/escrita) que inscrevem os espaços e as experiências espaciais.

Deste caminho de pesquisa geopoética foi estabelecido uma conexão com as imagens e as Artes. Assim sendo, dialoga com as “Geografias Portáteis” de Renata Marquez, (2006) que aponta dois elementos pertinentes: a imagem e o corpo:

A imagem é um elemento recorrente na geografia. Ela não é exatamente a realidade do espaço, é apenas uma manifestação deste, uma representação efêmera e aberta. Sua complexidade nos obriga a tecer cruzamentos com outras áreas do conhecimento [...]. As categorias geográficas de lugar, paisagem e território constituem intermediações possíveis entre a imagem e o espaço real. Mas o corpo insere-se nos lugares, esquadrinha os territórios, compara paisagens, tece a realidade vivida. A análise geográfica é contaminada pelo estar-no-mundo. [...] Tais processos externos atravessam lugares, paisagens e territórios e imprimem neles temporalidades e significados móveis. Toda imagem é discurso, pois é o mundo praticado, a práxis do sujeito no mundo. As imagens são sempre pontos de vista, fragmentos de um todo que não existe independente de nós. A ciência geográfica é também uma geografia do corpo: o corpo produz conhecimento espacial (MARQUEZ, 2006, p.12).

Neste caminho, nossa opção por uma matriz fenomenológica se daria pela possibilidade em compreender o espaço geográfico a partir dos sujeitos com seus corpos e corporeidades, e os elementos “invisíveis” que “grafam” a paisagem com suas sensações, gostos, atitudes, subjetividades, e que dizem do espaço vivido. Sobre a imagem faz-se necessário esclarecer dois entendimentos para que possamos seguir em frente: 1. o corpo e a experiência se apresentam no processo de escrita e leitura, 2. ambos agentes compõe a imagem adquirindo materialidade.

Assim, a imagem torna-se, um tipo de texto que adensa inúmeros sentidos, significados e ideologias já pré-estabelecidas pela câmera e pelos modos da perspectiva. Também indicam subjetividades que extrapolam o controle da técnica, da máquina. O sujeito ao produzir estes espaços, se apropria da linguagem e narra suas experiências, como forma de compartilhar conhecimentos, de dar sentido a própria existência, como agente de um produto cultural, ou até



mesmo para mapear ou reconhecer um trajeto. Assim, a imagem se articularia com a experiência na pesquisa (e no ensino) da Geografia em três dimensões: enquanto grafia ou presença imagética, enquanto leitor ou agente produtores de imagens.

A performance “Notícias de América” como estratégia de dissolver fronteiras

A escolha pela *performance art* como elemento de pesquisa, se dá pelo desejo de compreender a experiência pelo viés da Geografia e pelo modo como esta linguagem concebe o corpo, não só como um objeto ou uma ferramenta, mas como um ponto de partida para a compreensão do mundo. Sobre as experiências espaciais, temos optado por reconhecer as singularidades daquelas que se constroem “em viagem” (em pesquisas anteriores tratamos de migrantes internacionais), enquanto projeto de trânsito de fronteiras que revelariam um movimento subjetivo, sensível, corpóreo, afetivo, cuja imaginação antecederia e preencheria os conhecimentos dos sujeitos sobre os lugares.

A performance enquanto projeto de vivência fundada no corpo e na corporeidade, revelam ao geógrafo uma concepção e um entendimento do espaço que ultrapassa sua materialidade (em nossa prática, próxima à Fenomenologia), considerando que toda posição absoluta de um objeto (ou de um sujeito) seria a morte de toda experiência. Assim, o espaço na performance é fluído, dinâmico, vivido e pode ser mobilizado pela criação (ritualização) de um tempo/espaço da obra, composto por intenções, expectativas, desejos, afetos, enfrentamentos de caráter subjetivo, simbólicos e imagéticos: ele potencializa a expressão do corpo sobre o espaço objetivo, real.

A obra tratada nesta entrada pela *performance art*, intitulada “Notícias de América” de Paulo Nazareth integrante do projeto intitulado “Arte Contemporânea S.A”, se dá enquanto uma viagem (que durou cerca de 1 ano) partindo de Minas Gerais, passando por países da América do Sul e Central, atravessando o México (o deserto, o rio Grande, os muros tornam-se protagonistas do processo) e finalizando nos Estados Unidos da América, o que o autor denomina de “residência en transito + residency by accident”, com o seguinte objetivo: “atravessar a América Latina antes de chegar aos EUA: e que toda poeira do caminho permaneça em meus pés (NAZARETH, 2012).

Neste movimento de aproximação entre Geografia e Artes, temos como elemento de “entrada” para uma leitura espacial, as imagens de registro que apresentam lugares e paisagens “avistados” durante o trajeto que se deu entre os anos de 2011 e 2012. Esta “grafia” é composta de recortes do cotidiano, abrangendo a vivência do corpo, da memória, da tomada de consciência, dos fluxos e objetos aparentemente sem valor, da “vida banal”, apresentados enquanto os rastros a serem perseguidos (e apagados), como o migrante que atravessa a fronteira de forma clandestina e ilegal. A utilização da *performance art* nesta pesquisa justifica-se em razão do campo poético, criativo e expressivo que se reverbera na experiência:

A performance se aproxima da pintura, especialmente da action painting, mas também tem raízes na escultura, música, dança, poesia, fotografia e as novas mídias. Performances podem ter estruturas complexas ou simples, incluírem narrativa e roteiros ou ser apenas ações e gestos que atendem às condições fenomenológicas de lugar, tempo, espaço e interação com objetos (STILES, 2004, p.186). Tradução Nossa.

Tal linguagem artística torna-se um campo potente e substantivo de geograficidades, visto que ela será um modo do artista produzir sua obra de arte a partir do movimento, da pausa, da transposição, de exercícios de observação, orientação e localização, da proposição de mapeamentos vivenciais. Esta indicará ao aprendiz “de geografias” um caminho também para a ampliação de seu olhar, de suas concepções de mundos, uma abertura ao sensível e ao percebido. No caso do artista Paulo Nazareth, ele indica uma experiência singular de travessia, de transposição de fronteiras, de reivindicação política pelas estratégias, usos, meios utilizados para alcançar o que ele nomeia como “EUAmerica”.



Imagem 1: Sem Título, “Notícias de América”. Autor: Paulo Nazareth, 2013.

A fotografia selecionada do diário-registro do artista aponta para uma estratégia de questionamento da veracidade do lugar apresentado, aqui, situado possivelmente na fronteira litorânea entre México e E.U.A. Tal lugar “registrado” é composto a partir de sua inserção proposital/dissimulada na paisagem: um corpo e um símbolo (bandeira) como atestado de uma prática espacial transgressora em um cenário imaginado. O personagem fotografado se comporta as vezes como um turista ávido por “souvenires viagem”, porém traz consigo um elemento político/poético que pode representar um estado-nação: um pano vermelho em um vara de bambu se torna bandeira, estandarte, além de uma placa em seu peito que revela, talvez, suas intenções artísticas: ARTE. Novamente, o corpo volta a ser elemento discursivo a revelar uma condição de estrangeiro dado algumas de suas características: a cor da pele, os trajes maltrapilhos, a fisionomia que transmuta e agora se assemelha a de um “árabe”, conforme é relatado em seu diário enquanto intenção de encarnar a alteridade: “*quemar mi piel al sol hasta quedarme como un “mouro”*” (NAZARETH, 2013).



Imagem 2: Sem Título, “Notícias de América”. Autor: Paulo Nazareth, 2013.

A segunda imagem escolhida revela o final deste percurso, que irá se transformar em uma obra de arte a ser vendida em uma feira no “primeiro mundo”. A exposição/vernissage será ocupada por estes pés marcados, carcomidos, sujos e que carregam a poeira do caminho, voltando a tornar-se imagem e metáfora da experiência de trânsito. Pés descalços que atravessaram desertos, cidades, fronteiras, repousam sobre a bandeira e o mapa dos Estados Unidos da América, integrando a obra e revelando sua concepção de mundo, sendo que:

(...) mi concepto de patria todos los dias se expande... nascido en Brasil soy latino americano, siendo latino americano soy tambien mexicano... soy parte de cada tierra por donde pisaron mis pies... no hay como separar estas tierras con una linea imaginaria llamada frontera... quiza sea por eso que levantaron el muro al norte (NAZARETH, 2013, s/p).

Nesta performance/percurso, Paulo Nazareth (2013) problematiza questões como identidade, pertencimento, pátria, o desterro, a imigração e a clandestinidade a partir da criação de desvios: seu o corpo não aguenta o adestramento, a disciplina, a norma! Por outro lado, revela encontros com sujeitos em condição de trânsito ou de risco revelando laços de solidariedade, pertencimento, da alegria pelo sucesso do atravessamento da fronteira. O corpo



do viajante torna-se potência em busca de sentidos e significados para a compreensão de uma subjetividade andarilha, produzindo imagens migrantes que criam conexões entre lugares (FERNANDEZ, 2017), e inspira uma ação educativa. Sobre a “obra de arte” produzida por Paulo Nazareth, esta pode ser concebida, enquanto registro de um processo composto por fotografias e vídeos em câmeras de baixa resolução, diários, esboços, mapas, souvenirs, desenhos em folhas de hotéis e albergues. Tais artefatos, juntos e dispostos enquanto narrativa, revelam uma experiência singular de travessia, de transposição de fronteiras, de reivindicação política, como se o sujeito da experiência fosse um migrante ilegal.

Segunda fronteira em dissolução: “A MMX é nossa!”

O conceito de território, assim como o debate sobre fronteiras, colaboram para materializar a intervenção “*Dissolver Fronteiras*” que integrou o projeto de residência pedagógica e artística “A MMX é nossa!” realizada em novembro de 2015, na comunidade Vila Rica, área periférica do município de São Joaquim de Bicas - Região Metropolitana de Belo Horizonte – MG, em parceria com o *performer* e arte-educador Fernando Hermógenes. Tal proposta de experimentação se dá com o reconhecimento dos limites remanescentes de uma antiga área de mineração da empresa MMX Mineração e Metálicos S.A., para que a partir de uma proposta de ocupação deste espaço “abandonado”, os jovens moradores deste lugar pudessem apagá-las em um conjunto de ações, processos e práticas “geopoéticas”.

A escolha por tal “ideia” se deu a partir de falas e encontros com moradores e estudantes que questionavam e problematizavam a “permanência” das fronteiras e o cerceamento do uso dos territórios diante da reativação de atividades mineradoras na cidade, situadas no entorno da escola e comunidade vivenciada. A inserção neste lugar e compreensão deste contexto ocorreu inicialmente através de rodas de conversa e uma primeira oficina de mapeamento colaborativo a partir da escola da comunidade. Este momento disparou o reconhecimento das estratégias de apropriação do espaço pela empresa mineradora, expressas em disputas, impactos e contradições sociais, políticas, ambientais, culturais e simbólicas.

Tais espaços de diálogo revelaram que os participantes (crianças e jovens da comunidade) conheciam o interior desta “área fechada”, pois a mesma fazia parte de seus

trajetos cotidianos, da brincadeira, do lazer. Através da leitura de um mapa temático e de uma carta planialtimétrica, deu-se o acesso a relatos e narrativas detalhadas das paisagens, recantos, lugares pitorescos (como as ruínas de um galpão ou uma caixa d'água) grafando neste suporte, cartografias e imagens que promoviam “des-encontros, transpondo limites e transitando entre distintos territórios” (HAESBAERT, 2013, p.67).

Com a tentativa de compreender as conexões entre o território vivido e o delimitado pela empresa, deu-se um segundo momento de diálogo e delimitação de questões com os jovens a partir de imagens turísticas e publicitárias do município vizinho de Inhotim (e assim de seu museu homônimo), de um mapa do lugar e de um mapa *mundi* temático, com a localização de atividades mineradoras em outros lugares e países. Proposta que levou os participantes à questionamentos sobre a configuração dos territórios nacionais e transnacionais, seus elementos simbólicos e identitários, como a língua, o hino, e especialmente as bandeiras de cada estado-nação.

De forma contínua e com o intuito de acessar saberes geográficos na composição das propostas e ações poéticas, ocorreu a realização de atividades de orientação com bússola, desenho do corpo e da paisagem, leitura de obras de arte que dialogam com as linguagens dos mapas ou os procedimentos de trabalho de campo da Geografia, culminando com a proposta de um mapa afetivo de espaços/lugares vividos em atravessamento com o território da MMX. O mapa tornou-se guia e instigador para uma investida vivencial em busca dos limites reais, traçados no papel e “contrapostos com o chão”, recurso utilizado para identificar marcos e símbolos fronteiros: cercas, muros, placas, logotipo da empresa.

Durante o processo de criação, elege-se uma biruta (indicadora de direção dos ventos) em forma de peixe como elemento simbólico a representar este “território em dissolução” colocada em um mastro, agitada, transportada, a ser fincada em uma “nova terra”. A flâmula neste movimento de ocupação simboliza uma “transgressão” e participa de um processo de resignificação da fronteira, agora tensionada/questionada, em busca por *dissolver* o sentido de barreira ou limite, mas dando a esta ideia geográfica sentidos de passagem: para a criatividade, a imaginação, o intercâmbio e a troca de saberes e conhecimentos. Ela é parte integrante de uma fala de reivindicação e pode nos dizer do pertencimento destes jovens e dos moradores da Comunidade Vila Rica que se ampliou à cidade.

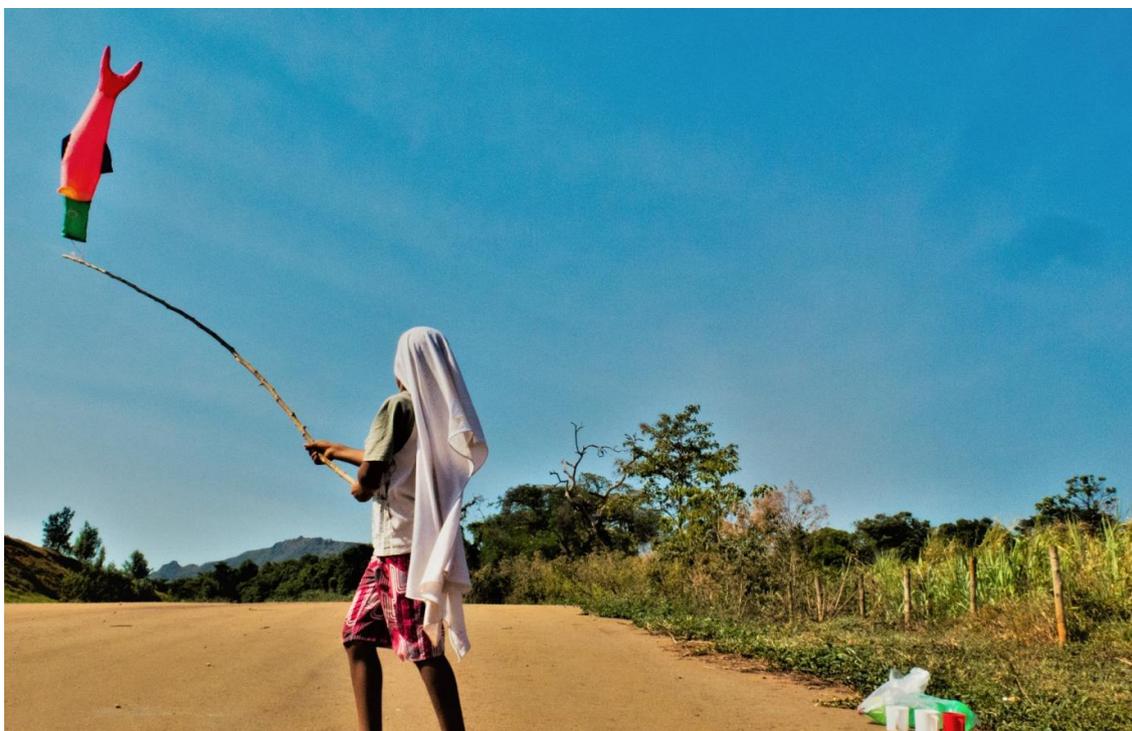


Imagem 3: Porta-estandarte (Bandeira do Peixe) na ação “A MMX é nossa!”. Autor: Pablo Fernandez, 2015.

O porta-estandarte e a bandeira de peixe materializados na imagem acima (paisagem fotografada e videografada) permite-nos reconhecer o papel do corpo (e das corporeidades) na construção do espaço, e assim conectar o território construído e delimitado, com o imaginado e/ou reivindicado, proposta de vivência similar a utilizada por Paulo Nazareth (na imagem 1) em sua inserção/dissimulação na paisagem de fronteira mexicano-norte-americana. O corpo nestes dois casos é uma potência que materializa o espaço, seja a partir de uma sublevação territorial, seja pelo estabelecimento de uma conexão entre lugares.

Dentro do processo de experimentação geopoética realizado pelos jovens, constatou-se a emergência da compreensão de um sentido de habitar e construir lugares como “base de nossa existência” (DARDEL, 2011; SEAMON, 1980), do corpo como uma primeira habitação e matriz da produção do espaço. A construção dos lugares ocorreu a partir da localização no mapa e, em seguida, por nomeações, desenhos e delimitações que permitiram a comparação e o princípio de conexão. Esta reflexão desembocou na ocupação de alguns trechos e entradas da

área mineradora, utilizando como investidas metodológicas a observação, a exploração, a intervenção e a paisagem através de um trabalho de campo.



Imagem 4: Apagamento: “MMX é nossa”. Autor: Pablo Fernandez, 2015.

Dentro da ocupação, desenhou-se um conjunto de comandos que os próprios jovens elaboravam: abrir um portão ou atravessar uma linha demarcada no chão, apagar a palavra PROIBIDO de uma placa, delimitar fronteiras com galhos, pedras e terra (suas texturas e cores), e/ou outros materiais coletados no entorno da escola. Ações que se ampliavam para o sentido de sublevação almejada, movimentos que guiaram a composição de uma narrativa visual sobre os lugares, com suas multiplicidades de trajetórias distintas e “para onde convergem inúmeras práticas sociais e narrativas, tantas vezes solidárias quantas outras vezes discordantes” (OLIVEIRA JUNIOR, 2009, p.24). A partir das imagens produzidas por estes sujeitos propôs-se sua circulação em conexões e redes de encontros, de trocas, de ações em espaços públicos. Circulação que poderá estabelecer a “coexistência” espaço/temporal entre a vida e os lugares (o cotidiano, os afetos, suas reivindicações) experimentados na comunidade da Vila Rica - São



Joaquim de Bicas, dentro de uma rede global e/ou mundial, de certo modo, fortalece vínculos afetivos e solidariedade, instaura o pertencimento e cidadania entre lugares.

Considerações finais: conexões provisórias

Esta pesquisa ainda em desenvolvimento tem-nos indicado a necessidade de delimitação de um caminho teórico e epistemológico no campo da Geografia, que permita a realizar uma abertura e um caminho para o diálogo com áreas de conhecimento “afins” como as Artes, a Educação. Deste entendimento, temos buscado consolidar alguns caminhos teóricos (o lugar, a experiência) e metodológicos (a vivência fenomenológica) com os aportes das vertentes Humanistas, Fenomenológicas e Culturais, bem como “trazer” as contribuições dos estudos da Imagem, visto que estas podem nos permitir compreender o papel da experiência e da imaginação poética como elemento central na produção do espaço geográfico e assim, de práticas e ações que considerem o seu ensino.

No caso do Ensino de Geografia, o que podemos agora definir como “alguma contribuição” ou dado a ser compartilhado é um primeiro entendimento sobre os processos e práticas educativas (aula, curso) enquanto campo de experimentação, com suas incertezas, inseguranças, riscos, o que permite seu entendido enquanto “espaço aberto” ao corpo, às subjetividades. As imagens neste campo de experimentação farão parte do caminho em um busca de uma geopoética, atuando como texto a ser desmontado, como linguagem a expressar a vida nos lugares, como parte do processo de narração da experiência espacial.

As Artes são múltiplas em suas vertentes, correntes, linguagens, porém a escolha da *performance art* evidência uma perspectiva da Geografia que considera a centralidade do sujeito no entendimento do espaço e suas reverberações. Aqui os sujeitos produtores de espaços e de espacialidades se transmutam em artista, pesquisador, estudante, professor, habitante, com suas singularidades e particularidades, com seus desejos e esperanças. Nesta pesquisa, a experiência traz à Geografia um entendimento que reconhece uma conexão do corpo com o mundo, que se dá a partir das relações afetivas, sociais, espaciais, culturais, e assim, nos permite refletir sobre a vivência enquanto processo de pesquisa ou de ensino, como o roteiro pré-determinado de uma viagem, enquanto a geograficidade como todo o conhecimento que emerge do imprevisto ou do inesperado que emerge no percurso.



Referências bibliográficas

BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

CAZETTA, Valéria e OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de (orgs.). In: **Grafias do Espaço: imagens da educação geográfica contemporânea**. São Paulo: Alínea, 2013.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FERNANDEZ, Pablo S. M. La Conexión entre lugares: construcción de una red de imagenés y lugares migrantes entre Goiânia (Brasil) y San Francisco (Estados Unidos). In: Beatriz Nates Cruz. (Org.). **Memoria y Territorio**. 1ed. Bogotá: INCAH, 2017, v. , p. 89-102.

HAESBAERT, Rogério. Territórios em Trânsito. In: BORDAS, Marie Ange. **Geografias em Movimento**. Caderno SESC_Videobrasil. São Paulo, n.9, 2013.

LARROSA Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Leituras**, n. 4, jul.2001.

MARQUEZ, Renata. Arte e Geografia. In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca e COSTA, Maria Helena Braga e Vaz da (Org.). **Imagens marginais**. Natal: Editora da UFRN, 2006.

NAZARETH, Paulo. **Arte contemporânea/LTDA**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2012.

----- . Arte contemporânea/LTDA. <http://latinamericanotice.blogspot.com/> Consultado em Agosto de 2012.

OLIVEIRA JUNIOR. Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos. Rumo a geografias menores. In: **Pro-Posições** vol.20 no.3 Campinas Sept./Dec. 2009.

----- . Vídeos, Resistências e Geografias Menores: linguagens e maneiras contemporâneas de resistir. In: **Terra Livre**. São Paulo/SP. ano 26, v.1, n. 34. Jan-Jun/2010, pp. 161-176.

SEAMON, David. Body-subject, time-space routines, and place-ballets. **The Human Experience of Space and Place**. Edited by Anne Buttimer and David Seamon, London:Croom Helm, 1980.

STILES, Kristine. I/Eye/Oculus: performance, installation and vídeo. In: PERRY, Gill E WOOD, Paul. (ed.). **Themes in contemporary art**. Open University, Yale, London, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. Traduzido por Livia de Oliveira. Londrina: EdUEL, 2013.